

---

# JOVENS, TERRITÓRIOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

*Elmir de Almeida  
Marilena Nakano<sup>(\*)</sup>*

## RESUMO

O objetivo central do texto é apresentar uma reflexão sobre a importância que assume as noções de espaço – e os correlatos “território” e “lugar” – para o estudo e análise da juventude, dos jovens, suas ações coletivas e práticas educativas em diferentes contextos urbanos. Os autores chamam a atenção para o fato de que na produção científica das Ciências Sociais a dimensão temporal das vivências juvenis tem ocupado primazia sobre a dimensão espacial. Apresentam uma breve discussão sobre as armadilhas que podemos encontrar no uso da noção de “território” e “lugar”, e sugerem uma possibilidade de uso daquelas noções nos estudos da juventude e dos jovens e expressões coletivas. Por fim, expõem fragmentos de resultados alcançados por três pesquisas nas quais seus autores estudaram – direta ou indiretamente – a tríade jovens, território e práticas educativas e culturais.

**Palavras-chave:** Jovens, território, práticas educativas e culturais.

Nos domínios das Ciências Sociais, a reflexão que indaga sobre a juventude, os sujeitos juvenis, seus modos e estilos de vida, assim como suas práticas educativas, é possível circunscrever a presença de análises sobre a dimensão temporal e espacial de suas existências, nos planos individual e/ou social.

De modo geral, a dimensão do tempo tem se imposto com maior força nas reflexões, pois é na idade da juventude que os jovens, de forma consciente e tensa, vivenciam o entrelaçamento de múltiplos e diferenciados planos temporais, planos esses que lhes fornecem suportes ou negam apoios para os seus processos de subjetivação e construção identitária.

Para MELUCCI (1997), na idade da juventude, os sujeitos juvenis, tanto do ponto de vista biológico como cultural, estabelecem uma desafiadora e “íntima relação com o tempo”, pois nela o enfrentam “como uma dimensão significativa e contraditória da identidade”, e entrecruzam o plano temporal desta específica estação da vida ao do tempo social, e o das representações normativas que a sociedade sobre o tempo em circulação. (MELUCCI, 1997, p. 8). No âmago desses processos, a educação escolar e a não escolar, os valores e normas por elas transmitidos adquirem concretude, significado, legitimando ou desautorizando suas experiências e escolhas. Para o sociólogo, tais possibilidades são mais bem escrutinadas quando situamos os jovens em suas relações com o tempo. (MELUCCI, 1997).

---

<sup>(\*)</sup>*Elmir de Almeida*. Professor-doutor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo – campus de Ribeirão Preto FFCLRP-USP.

*Marilena Nakano*. Professora-doutora do Centro Universitário Fundação Santo André.

---

É apreendendo os jovens nas suas relações com o tempo que percebemos e podemos examinar as experiências de tais atores face ao passado – e os modos como interagem com o acervo sociocultural que lhes é legado, como eles (re)agem e se situam em relação à história e à memória das gerações passadas, pois como lembra Lefebvre (1969, p. 190), “o conhecimento do passado faz parte da cultura”. Em simultâneo a tais processos, podemos melhor examinar, ainda, como os jovens tecem planos e projetos de futuro.

Entretanto, na análise dos jovens e as práticas educativas, tão importante quanto a dimensão temporal é também a dimensão espacial de suas existências, pois a partir dela, em diálogo com o que já está dado e as diferentes possibilidades, eles estabelecem interações e vínculos de diversos graus, tecem relações de pertencimento, ou seja, os sujeitos descobrem e experimentam “estilos de vida (...), as experiências geracionais são constituídas, identidades são construídas e/ou reconstruídas”. (WELLER, 2006, p. 116).

### **A CENTRALIDADE DO ESPAÇO ESCOLAR E DA ESCOLARIZAÇÃO NOS ESTUDOS SOBRE OS JOVENS**

Sabemos que quando a questão se volta para a vida juvenil, os atores jovens e suas sociabilidades na modernidade, um específico território e seu correspondente processo educativo adquirem relevância sobre os demais: são eles, a escola e a escolarização, tal como atestam o historiador Philippe Ariès (1978) e sociólogos como James Coleman (2008) e Alberto Melucci (2001).

Sobre a escola, como espaço físico, e sua importância para as experiências socioculturais juvenis *vis-à-vis* aos adultos, Coleman (2008) escreveu:

conforme nossa sociedade industrial amadurece (...) não só relegamos a educação a uma instituição que se encontra fora da família, como devemos manter as crianças e os adolescentes aí, por um período de tempo maior para que se formem e estejam preparados para tomar seu lugar como adulto na sociedade mais ampla. (...) Com seus companheiros, formam uma pequena sociedade, sociedade que tem suas mais importantes interações dentro dela mesma, e mantém somente algumas linhas de conexão com a sociedade adulta externa. Em nosso mundo moderno de comunicação de massas e rápida difusão das ideias e do conhecimento, é difícil dar conta de que as subculturas separadas podem existir debaixo de nosso nariz de adultos – subculturas com linguagens próprias, símbolos especiais, e o mais importante, sistema de valores que podem diferir do sistema dos adultos (...). Esses jovens falam um idioma distinto.

---

E o que é mais relevante (...), é que a linguagem que falam torna-se torna cada vez mais diferente. (COLEMAM, 2008, tradução livre).

Em década posterior ao trabalho de Coleman (2008), Melucci (2001) fez análise semelhante sobre o espaço escolar, e a importância que ele adquire para que adolescentes e jovens vivam a condição juvenil. Diz o autor:

... nas sociedades avançadas, a criação de um espaço de vida autônomo pelas classes de idade mais jovens se realiza com a escolarização de massas. É a escola de massa que viabiliza o acesso às funções adultas, prolongando o tempo do não trabalho; ela cria também as condições espaço-temporais para a agregação de uma identidade coletiva definida pela necessidade dos modos de vida e linguagens próprias – isto é, a cultura juvenil. (MELUCCI, 2001, p. 101).

Os autores citados, quando voltaram o foco de suas reflexões para os jovens, suas práticas socializadoras e a educação formal, o fizeram em tempos distintos e imersos em espaços determinados – o hemisfério norte, americano e europeu. Assim, tendo em vista os modos e sentidos que tomaram a modernidade e seus projetos naquelas espacialidades, eles puderam apreender e analisar a escola como um espaço-tempo acessível às massas, e de importância crucial para os mais novos viverem o tempo juvenil do ciclo vital. (COLEMAN, 2003; MELUCCI ; 2001).

Sabemos que no sul, especialmente na sociedade brasileira, a escola e a escolarização deixaram de ser privilégios de poucos no final do século passado. (BEISIEGEL, 2006). Não por outra razão Sposito (2005) e Dayrell (2007), por exemplo, em trabalhos que analisam as relações entre a condição juvenil e a educação escolar brasileira, registraram que não apenas a escola “faz juventude”. Aqui, espaço-tempo singular do sul, pois uma “multiplicidade de hibridismos” (MARTINS, 2008), ao lado da escola ou a ela sobreposta outros espaços–tempos concorrem para fazer a juventude, sobretudo para os sujeitos pertencentes às classes sociais menos aquinhoadas, aos grupos étnicos subordinados, etc., casos modelares sendo os espaços do trabalho e do emprego. Contudo, ainda que em nosso meio a escola seja tardia, seu espaço-tempo tem servido para que determinados segmentos socioeconômicos de jovens façam a sua juventude, seja como formação, seja como produção de experiência.

Se na modernidade a escola e a escolarização ocupam centralidade na produção científica sobre os adolescentes e jovens, é preciso considerar que elas não são os únicos territórios a partir do qual eles se educam, formalizam práticas culturais (interações e valores), e experimentam vias de inserção na estrutura social.

---

Desde as primeiras décadas do século XX, a produção antropológica e sociológica sobre adolescentes e jovens – como maior diversidade na produção internacional, tem chamado à atenção para as múltiplas e diferenciadas possibilidades que o espaço assume para os jovens – tomados individualmente ou em formações associativas. Nas produções em que aquela dimensão da existência social adquire relevância temos as que se voltaram para unidades microssociais, como o *quarto* e a *casa* (FEIXA, 2006; FABRINI & MELLUCCI, 1992), em outras, constata-se a mudança e ampliação da escala, pois os autores indagam sobre os jovens, suas interações *com* e *na rua*, no *bairro*, no *subúrbio* (WHITE, 2005; PAIS 2003, FEIXA, 2004, 2006; SPOSITO, 1993, 2010; MARTINS, 2001; COSTA, 1993), na *favela*, na *periferia*, na *cidade*, na *metrópole*, no espaço *urbano* (FEIXA, 2004; CANEVACCI, 2005; MAFFESOLL, 1987; DUBET, 1987; CARRANO, 1999; NAKANO, 1995; MAGNANI e MANTESE, 2007, VELHO, 1994, 2006); no mundo *rural* (STRAPASOLAS, 2006; RENAHY, 2006), na *indústria e no mercado* de bens e consumo culturais (CANCLINI, 2007). Mais recentemente, o espaço virtual da *web* ganha algum destaque para alguns pesquisadores (FEIXA, 2006; CANCLINI, 2007; RIZZINI *et al.*, 2005; UFF/OJ, 2007; SETTON, 2009).

Nesta linha, defendemos que em estudos sobre a juventude, os jovens e suas vivências – individuais e/ou coletivas – deve-se considerar não apenas as relações dos sujeitos com o tempo, mas também as interações que estabelecem *com* e *nos* espaços em que estão inscritos ou se filiam, sejam eles apreendidos em escala macro ou microscópica, pois seus modos de agir também contribuem para a estruturação, significação e alterações do território. É nele que os jovens, como agentes empíricos, atores e sujeitos, interagem com os pares, com os adultos – suas instituições e movimentos, é no espaço prático-sensível que vivem os processos de socialização, educam-se e educam, constroem laços sociais, reproduzem e produzem valores socioculturais e políticos, enfim, no espaço encontram ou sentem a ausência de suportes para seus processos de subjetivação e individuação. No acontecer desses processos, nas interações que os jovens estabelecem *com* e *no espaço*, eles não partem do zero, não se deparam e interagem com uma realidade inerte, sem vida humana, sem história e memória, é a partir da densidade histórica, social, técnica e comunicacional que encontram num espaço dado que eles (re)constroem suas experiências. (SANTOS, 1995).

Feitas essas breves considerações, encaminhamos nossa reflexão sobre o tema do espaço, propondo que ele seja compreendido a partir das noções de “território” ou de “lugar”, compreendendo-o não apenas como unidade da vida social ocupada por certos sujeitos, dentre eles os jovens, mas como categorias empíricas e analíticas que permitem apreender os jovens e a juventude pelo trabalho de intersecção do tempo e do espaço.

---

Na sequência, apresentamos e comentamos três estudos que revelam a presença de jovens em determinados territórios, estudos que revelam como aqueles atores deles se apropriaram, os usos que deles fizeram e as mudanças que impuseram as unidades pesquisadas.

### **A NOÇÃO DE TERRITÓRIO: ARMADILHAS E POSSIBILIDADES EM SEU USO**

Na pesquisa científica, o território tomado como categoria analítica ou categoria empírica pode nos conduzir a algumas armadilhas: uma delas é se o compreendemos como uma “mula”, incapaz de expressão, ser inerte, não humano, espaço físico onde os homens depositam suas cargas. Pode se tornar também num ardil, se o concebemos como espaço numa perspectiva preservacionista, em virtude daquilo que ele pode nos aportar, como “patrimônio da humanidade”, entidade distante e apartada dos homens e sua existência. (MAGNAGHI, 2003).

Para MAGNAGHI (2003), uma possibilidade de fugir das armadilhas que conceito de território pode nos impor é tomá-lo como “sujeito cultural”, sujeito que fala através de suas paisagens, que nos informa sobre o seu longo processo de humanização, sujeito que nos transmite mensagens simbólicas e afetivas, que interfere em nossa identidade, nossa língua, nossa cultura. Assim, defendemos a ideia de que o território é meio humano, que tem uma identidade de longa duração, que tem profundidade histórica e camadas de historicidade, tal como os jovens, ele vive ciclos de vida, num permanente processo de *indentização*.

A partir dessas formulações, o território pode receber denominações diversas, dentre elas a de “lugar” (SANTOS, 1996; CARLOS, 1996), lócus do prático-sensível, do vivido e reconhecido, espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso. (...) O lugar é porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo - dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *lato sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/reconhecida em todos os cantos (CARLOS, 1996, p. 20-21).

---

Para Milton Santos (1996) a natureza do espaço no qual os homens vivem e dele se apropriam deve ser compreendida como algo pulsante, dinâmico, sua natureza é mais bem decifrada “através do estudo do *lugar*”, perspectiva através da qual o mundo deve ser “empiricamente percebido”. CARLOS (1996), expressando posição semelhante à de SANTOS (1996), indica ainda que no “lugar” encontramos a dimensão histórica da existência, pois esta

entra e se realiza na prática cotidiana (...), instala-se no plano do vivido, que produz o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. (...) O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm como os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. (CARLOS, 1996, p. 20).

O “lugar” emerge como um desafio analítico do mundo moderno – sua complexidade, seus impasses e conflitos, das relações entre o global e o local, do encontro ou articulação entre a ordem externa (distante) e a ordem interna (próxima). Para a autora

o processo de reprodução das relações sociais que vem ocorrendo, hoje, não invalida o fato de que o lugar aparece como um fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno, uma vez que o mundial não suprime o local. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. (...) O lugar se apresentaria como o *ponto de articulação* entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. É no lugar que se manifestam os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade que se volta para o mundial. (CARLOS, 1996, p. 28-29).

Aproveitamos ainda de Carlos (1996) a advertência de que

o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos. (...) O lugar contém uma multiplicidade de relações, discerne um isolar, ao mesmo tempo em que se apresenta como realidade sensível correspondendo a um uso, a uma prática social vivida. Neste contexto o lugar revela a especificidade da produção espacial global, tem um conteúdo social e só pode ser entendido nessa globalidade que se justifica pela divisão espacial do trabalho que cria uma hierarquia espacial que se manifesta na desigualdade e se configura enquanto existência real em função das relações da interdependência com o todo, fundamentada na indissociação dos fenômenos sociais. (p. 28-29).

---

O território, enquanto categoria analítica, tal como concebido pelas referências acima, passa a ser “lugar dinâmico” que não pode ser tomado como algo apartado dos jovens e de suas ações. Quando esses sujeitos, por suas ações, se apropriam de um território, fazendo uso e ordenando-o de outra forma, dando-lhe novos sentidos, eles o fazem a partir daquilo que nele encontram, de algo que com eles dialoga e os incita a agir.

Jovens pichadores e grafiteiros são casos típicos. Nas relações que travam com os espaços da cidade, nos diálogos que com ela estabelecem, apropriam-se de seus muros, prédios, viadutos produzindo novas configurações, novos cenários. Assim, pode-se aceitar que “o território é uma obra de arte: pode ser a mais nobre, a mais coletiva que a humanidade já realizou, produto de um diálogo entre os seres vivos, o homem e a natureza, ao longo da história”. (MAGNAGHI, 2003, p. 7; tradução livre).

### **JOVENS, TERRITÓRIOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS: ALGUNS EXEMPLOS DE NOSSA PRODUÇÃO ACADÊMICA**

A fim de exemplificarmos o acima afirmado, recorreremos aos resultados de três investigações acadêmicas (NAKANO, 1995; MACHADO, 2003; SOUZA, 2005, 2007), apreciadas no âmbito dos estados da arte dos estudos pós-graduados brasileiros sobre juventude, mais especificamente as identificamos no conjunto de pesquisas que se voltaram à investigação das formações associativas e das culturas juvenis. (SPOSITO, 2002, 2009).

No âmbito deste texto, não temos o propósito de percorrer a exaustão os processos de investigação configurados pelos autores dos trabalhos escolhidos. Apresentaremos apenas fragmentos daquelas pesquisas, ressaltando as ações e os resultados das ações de agrupamentos juvenis em territórios de periferias urbanas e um grupo de estilo juvenil, situados em diferentes cidades de duas distintas regiões metropolitanas do país. Julgamos que nossa seleção não é de toda arbitrária, pois escolhemos produções nas quais o espaço – e/ou seus correlatos, e as interações dos jovens com aquelas mediações são demonstradas direta ou indiretamente, assim como são analisados os modos como os jovens, sujeitos das investigações, deles se apropriaram e o usaram.

Os estudos de Nakano (1995) e Machado (2003) investigaram os modos de jovens agirem coletivamente em espaços periféricos das regiões metropolitanas de São Paulo e Recife, respectivamente, territórios que tinham em comum inúmeras carências materiais, ausência de infraestrutura urbana, que abrigavam diferentes manifestações de violência urbana e o crime, mas que abrigavam também as presenças de atores coletivos e movimentos sociais que lutavam por

---

garantias de direitos sociais básicos. Nos dois trabalhos, a questão central foram os modos de agir coletivo dos jovens, tendo o tempo e o espaço como referências centrais.

***Entre “o ser” e o “ter”: sujeitos coletivos juvenis disputando a atribuição de outros sentidos ao território de uma “favela”***

O estudo desenvolvido por Nakano (1995), intitulado *Jovens: vida associativa e subjetividade – um estudo dos jovens do Jardim Oratório*, realizado em meados dos anos de 1990, focaliza os itinerários de jovens num núcleo de “favela”, situado na cidade de Mauá (SP). Ali, os jovens eram invariavelmente apreendidos pelo “outro”, os que não habitavam no lugar, a partir dos signos da pobreza e da violência. No interior do núcleo, dois atores lograram adquirir visibilidade, opunham-se e disputavam os significados e sentidos para aquela “favela”: um ator estava atrelado ao mundo da violência, do tráfico e do crime, e tinha no silêncio uma de suas marcas distintivas; o outro, identificado com as lutas sociais pela urbanização do local, tinha na palavra um dos seus principais atributos.

Os meios de comunicação recorrentemente difundiam a ideia de que os jovens do Oratório integravam o mundo de violência, por diferentes vias. No lugar, alguns jovens de fato estabeleciam laços com o universo da violência, outros, no entanto, tinham evidentes vínculos com o trabalho, a educação escolar, com a Igreja, entre outros círculos sociais, contudo, se mostravam alheios aos embates do movimento social ali atuante. Por sua vez, os adultos-ativistas sublinhavam a dificuldade em atrair a atenção dos jovens para as suas lutas, e declaravam desconhecer onde estavam os jovens, o que faziam, pelo que se interessavam e agiam. De modo recorrente, referendavam a tese da apatia política dos jovens na contemporaneidade.

Para os jovens, crescer naquele território era uma tarefa difícil, seja por sua condição juvenil seja por que viviam a juventude em um cenário complexo, marcado por uma evidente ambiguidade: de um lado, deparavam-se com um mundo belicoso e de futuro incerto; de outro, esbarravam com um mundo no qual a esperança de uma vida digna para todos era o desiderato dioturnamente perseguido por segmentos de adultos do lugar.

Nakano (1995) registra que ao emergir no cotidiano daquele território pôde localizar os jovens e com eles dialogar. A partir de uma escuta sensível apreendeu suas atividades, seus sentimentos, a capacidade que tinham de agir, os valores que orieventam suas ações, valores por vezes contraditórios, pois configurados em meio a conflitos existentes nas interações com a família, a igreja, o mundo do trabalho, a escola, nos espaços de lazer, esporte e cultura, mas também forjados no calor dos embates que opunham o mundo da ordem e do movimento ao universo da



---

violência, do ilegal e do ilícito. Relata ainda a pesquisadora que ao se aproximar das experiências dos jovens que dialogou, pôde conhecer a capacidade dos mesmos em serem sujeitos coletivos, de se associarem em torno de temas de seu interesse, revelando outras formas de agir, significar e produzir o território da “favela”.

Os jovens lhes mostraram outra maneira de ser, diferente daquela que ordenava a ação do movimento social, mas também diversa do mundo estruturado pelas condutas sombrias do tráfico e do crime. Eles revelavam, por meio de suas ações, que o movimento social do lugar, basicamente constituído por adultos, não os percebiam porque, aprisionados em sua própria maneira de fazer política, eram incapazes de pensar sobre a “maneira de ser” porque presos à luta pelo “ter”, asfalto, casas de alvenaria, ônibus... Assim, os jovens revelavam não um individualismo de mercado, mas um individualismo expressivo, que para sua realização era necessário mobilizar o coletivo. (DUBET e LAPEYRONNIE, 1992). Para aqueles sujeitos juvenis era a expressividade que estava em jogo: *ser um jogador de futebol bonito, ser um sambista de escola de samba que dança na avenida, ser uma artista no crochê, ser um bom violonista....* Ao disputarem tais perspectivas no interior do meio denso e tenso daquele território, configuravam práticas educativas distintas daquelas oferecidas pelas gerações adultas, seus movimentos e instituições, agiam, assim, no sentido de conformar outros modos de viver a juventude, pós-figuravam valores e práticas educativas e buscavam impor novos sentidos para aquele lugar.

***Participação política de agrupamento juvenil e seus embates para produção de novas referências identitárias a um antigo Matadouro Industrial***

O segundo estudo que escolhemos foi elaborado por Nírive F. Machado (2003), tem por título *A criação de novos espaços de participação juvenil: o caso de Peixinhos – PE*, e teve como questão central as novas formas de agir coletivo e de participação política de jovens moradores daquele lugar. Machado descreveu o lugar como sendo marcado pela pobreza, pela presença da violência e do tráfico, pela falta de urbanização e de equipamentos de consumo coletivos nas áreas da cultura e do lazer, mas também demonstrou a capacidade de ação coletiva de grupo estruturado por jovens mulheres, envolvidas com a prática cultural da dança, e jovens e adultos atuantes numa biblioteca multicultural comunitária. O agrupamento juvenil disputou com outros atores coletivos presentes na comunidade e com o poder público a apropriação e uso de uma antiga edificação: o “Matadouro Industrial de Olinda”, prédio construído na transição do século XIX para o século XX, constituído para explorar a força de trabalho de trabalhadores com baixa escolaridade e pertencentes às camadas menos aquinhoadas daquela localidade.

---

A pesquisadora demonstra que ao conquistarem seus propósitos, a forma associativa que agregou representantes das gerações jovens e adultas do lugar, conferiu ao “antigo prédio”, repleto de camadas históricas e de memória, um novo uso, disputando para o mesmo outro valor de uso, pois para aquele território conceberam e mantiveram atividades e ações educativas não escolares, de cunho artístico-cultural, iniciativas que atenderam não apenas as expectativas daqueles protagonistas juvenis, mas também de representantes de distintas gerações de moradores de Peixinhos. Pelo estudo, compreendemos, ainda, que os modos de agir coletivo daqueles atores serviram para impulsionar um novo tempo na organização popular do bairro, também contribuiu para aplacar as questões ligadas à criminalidade e, ainda, despertou a atenção dos poderes públicos – estadual e local, no sentido de promoverem intervenções no espaço físico do bairro. Uma das ideias defendidas por Machado (2003) foi que as interações políticas não convencionais que os jovens estabeleceram no e com o bairro, com os atores que disputavam um mesmo equipamento, lhes permitiram inserir na agenda público-política do Estado, questões concernentes às condições de vida dos moradores do lugar, levando-o a agir para garantir determinados direitos dos mesmos e dar um significado e um sentido artístico-culturais ao território, originalmente configurado para cumprir a missão de explorar economicamente a mão-de-obra local.

***Straight Edges: circuito jovem e formas de uso de determinados “lugares” do tecido urbano paulistano***

Nossa terceira escolha se voltou para a investigação de Bruna Mantese de Souza (2005, 2007), e tem o título de *Os Straight Edges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo*. Esse estudo de Souza integrou um conjunto de investigações desenvolvidas por integrantes do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (NAU/USP).

A temática central das pesquisas foi “os jovens, suas práticas culturais, de lazer e de sociabilidade” no contexto urbano paulistano (MAGNANI e MANTESE, 2007). Segundo Magnani (2007), os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do NAU não partiram das noções de culturas ou subculturas juvenis como recorte analítico e/ou empírico. Os pesquisadores assumiram uma perspectiva “alternativa” que significou compreender os jovens a partir de uma inversão: aqueles sujeitos, suas culturas, coletivos e estilos seriam apreendidos a partir da noção de “circuitos jovens”. A respeito de tal inversão, explicou Magnani (2007) que, a fim de propor outro ponto de vista aos enfoques das culturas ou subculturas juvenis

e assim poder dialogar com elas na forma de contraposição ou complementaridade, proponho uma outra denominação, ‘circuitos de jovens’, e outro ponto de partida para a abordagem do tema sobre comportamento dos jovens nos grandes centros urbanos.

---

Em vez da ênfase na condição de ‘jovens’, que supostamente remete a diversidade de manifestações a um denominador comum, a ideia é privilegiar sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca. (MAGNANI, 2007, p. 19).

A partir dessas orientações Souza (2005; 2007) realizou etnografia sobre o circuito jovem dos *straight edges*, estilo articulado e sustentado por jovens – homens e mulheres – que partilham valores e ideias como o vegetarianismo e o “veganismo”, o segundo pautado pela interdição ao consumo de qualquer alimento ou produto que incorpore substância derivada de animal. Além desses valores, outros ainda integram e dão densidade a tal cultura, como por exemplo, o “não as drogas”.

A essa visão muitas vezes é associada também uma atitude de rebelião diante dos valores ditados pelo *status quo*, e aqui começam os paradoxos quanto se tenta classificar os *straight edges* num rótulo unívoco, pois se de um lado algumas atitudes (...) soam como conservadoras, puritanas até, por outro muitos deles assumem para si termos como ‘socialistas’, ‘comunistas’, ‘libertários’ ou ‘anarquistas’. A justificativa para isso é sua posição contrária a preceitos como o racismo, a homofobia, o sexismo, além da rejeição aos princípios do capitalismo (em especial ao imperialismo norte-americano) e do próprio Estado. (...) Descendentes diretos do *punk*, mais especificamente do *hardcore* americano, os preceitos e as práticas relacionadas ao *straight edge* se estrutura a partir da música (...), mas vão muito além dela. (SOUZA, 2007, p. 23-25).

A partir desse conjunto de referências orientador dos comportamentos dos *edges*, Souza (2005, 2007) compreendeu que aqueles valores orientavam ainda os usos que eles faziam do espaço cidadão paulistano, pois configuravam um circuito formado por diferentes lugares. Neles, tais jovens encontravam e interagiam com pares afins, mas também com o “outro”, jovens adeptos de diferentes estilos ou culturas juvenis, que, contudo, partilhavam de alguns valores assumidos como distintivos dos *edges*.

Para a autora, *edges* demonstravam que tinham dois diferentes modos de se relacionar e usar determinados espaços da cidade, um deles quando, na realização de uma atividade ou manifestação, eles ocupavam “um suporte físico, impondo-lhe todos os sinais de seu sistema de valores: a produção e o gerenciamento do evento ficando totalmente a cargo do grupo”. O outro se evidenciava quando utilizavam uma “organização já existente, com suas regras próprias, porém eles agiam no sentido de que ela servisse, em parte, a seus propósitos.” (SOUZA, 2007, p. 30).

---

Quanto à primeira forma de interação e uso dos lugares, a pesquisadora registrou que os *edges* alugavam determinados equipamentos para neles realizar shows, festivais e, principalmente, “verduras” – forma de demarcar dissociações com as “churrascadas e cervejadas”. (SOUZA, 2007, p. 30). Na segunda forma, eles assumiam um determinado lugar de encontro para os aderentes do estilo, “em razão de algum atributo que reconheciam como característico de seu ideário, passando dessa maneira a fazer parte de seu circuito”. (SOUZA, 2007, p. 31). Exemplo desse modo de agir foi a apropriação e uso que fizeram de uma sorveteria situada na região central de São Paulo: a Soroko.

Do nosso ponto de vista, os modos como aqueles jovens interagirem e usarem aquele estabelecimento – “um lugar” – assim como outros equipamentos coletivos situados no seu entorno, são paradigmáticos para entendermos a importância que adquire a dimensão espacial nas experiências juvenis, para tanto, transcrevemos a narrativa de Souza (2007):

Os primeiros contatos dos *straight edges* com a sorveteria se resumiam ao consumo de açaí na tigela e a alguns sabores de sorvetes. (...) De acordo com os donos, certo dia uma garota comentou que sentia vontade de tomar sorvete de chocolate e morango, mas que não o fazia devido a sua opção de preservar a vida e a dignidade dos animais. A proprietária (...) perguntou como poderia fazer tais variedades de forma que ela e outros *vegans* pudessem consumir, já que a água não era suficiente para dar liga à massa (...). Recebeu a sugestão de fazer os sorvetes com leite de soja. A sorveteria passou, então, a fazer sorvetes com o produto da marca AdeS e a identifica-los com uma etiqueta contendo o nome do sabor e a inscrição ‘leite de soja’. Inicialmente eram apenas dois os sabores, mas foi o suficiente para que muitos, se não todos os *straight edges* de São Paulo, bem como os de fora em visita à capital, passassem a frequentar a sorveteria. Até mesmo ‘seu Soroko’ (forma pela qual os *straight edges* se referem ao proprietário) já identificava esse movimento. Quando perguntado sobre se havia alguma diferença sazonal na frequência desse tipo de consumidor à sua sorveteria respondeu que sorvetes e açaí têm maior saída no verão, mas que no inverno acontecem alguns eventos produzidos pelos *straight edges* que atraem pessoas de outros estados e até de outros países. (p. 34).

### **A IMPORTÂNCIA DAS CATEGORIAS TERRITÓRIO E MOBILIDADE NO DEBATE SOBRE OS GRUPOS JUVENIS**

Os três estudos foram tomados como exemplo para evidenciar a importância do debate sobre o território como categoria analítica porque compõe a lógica mesma das ações juvenis.

---

Especialmente, a partir da intensificação dos processos de mundialização inúmeras temáticas ganharam importância, dentre elas aquelas relativas à fluidez das fronteiras dos estados-nação e a perda de sua potência, especialmente pela circulação do capital, da existência de grandes corporações, de “*Waltt Street*”, do Banco Mundial, do FMI. Práticas e instituições que circulam e que revelam toda sua força, passando *por cima* dos Estados num claro movimento de “mundialização pelo alto”. Mas, além desse fenômeno, um outro também tem sido estudado mais recentemente, envolvendo a circulação de pessoas pobres, de mercadorias ou mesmo de dinheiro, que percorrem caminhos muitas vezes não oficiais, de mão em mão, num ir e vir de um país a outro, num movimento que tem sido denominado de “mundialização por baixo”. (TARRIUS, 2002).

O estudo e a compreensão desses tipos de fenômenos trouxeram com ele novos debates e novos desafios, dentre eles a questão das fronteiras da democracia, dos direitos de um sujeito que circula, que vai e vem de um país a outro, num novo nomadismo que cada vez mais ganha corpo no mundo. (PERALVA, 2007). Esse debate sobre os novos desafios do campo democrático se faz presente nas ações mesmas dos jovens na relação que estabelecem com os atores que ocupam, circulam e se apropriam do território, tal como visto nos exemplos estudados.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a noção de território, tal como a tomamos para análise neste artigo, tem “*um caráter polissêmico*” (ORTEGA, 2008), carrega com ela potencialidades para melhor compreender as ações juvenis, seus coletivos, suas práticas educativas e culturais. Entendemos que a noção de território que aqui exploramos revela a sua pertinência para a compreensão da juventude e dos jovens assim como das maneiras como eles se relacionam com lugares diversos, enquanto empiria, lugares que eles “dialogam”, trazendo nesse dialogo as camadas de historicidade que carregam, interferindo nos seus modos de agir e de ser. Finalmente, há que se ressaltar que especialmente os jovens têm sido capazes de produzir territórios, dando a eles novas configurações, dialogando desta forma com adultos, com outros jovens, com os poderes constituídos – institucionais ou não institucionais.

---

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978.
- BEISIEGEL, Celso de R. Relações entre a quantidade e a qualidade do ensino comum. In: \_\_\_\_\_. *A qualidade do ensino na escola pública*. Brasília: Liber Livros Editora, 2005. p. 111-122.
- CANCLINI, Néstor García. Ser diferente é desconectar-se? Sobre as culturas juvenis. In: \_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. p. 209-216. CANEVACCI, Massimo, *Culturas eXtremas*; mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARRANO, Paulo C. R. *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 1999.
- COLEMAN, James S. La sociedad adolescente. In: PERÉZ ISLAS, J.A. et al. *Teorías sobre la juventud: las miradas de los clásicos*, Ciudad del México. México: Unam, 2008.
- COSTA, Márcia Regina. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- DAYRELL, Juarez T. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: *Educação & Sociedade*, 100, vol. 28, p. 1105-1028, 2007.
- DUBET, François. *La galère: jeunes en survie*. Paris: Fayard, 1987.
- \_\_\_\_\_; LAPEYRONNIE, Didier. *Les quartiers d'exil*. Paris: Seuil, 1992.
- FABBRINI, Anna ; MELLUCI, Alberto. *L'età dell'oro*. Adolescenza tra sogno ed esperienza. Milano: Feltrinelli, 1992
- FEIXA, Carles. Los estudios sobre culturas juveniles en España – 1960-2004. In: *Revista de Estudios de Juventud*, Madrid, n. 64, mar. 2004.
- \_\_\_\_\_. O quarto dos adolescentes na era digital. In: COSTA, Márcia R.; SILVA, Elizabeth M. Silva. *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006. p. 79-110.
- LEFEBVRE, Henri, Renovação, juventude, repetição. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 185-196.
- MACHADO, Nínive F. *A criação de novos espaços de participação juvenil: o caso de Peixinhos, PE*. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2003.
- MAGNAGHI, Alberto. *Le projet local*. Sprimont, Bélgica: Pierre Mardaga Éditeur, 2003.
- MAGNANI, José Guilherme C.; SOUZA, Bruna Mantese. (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- MAGANANI, José Guilherme, Circuito de jovens. In: \_\_\_\_\_. SOUZA, Bruna Mantese. (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p. 15-22.
- MARTINS, José de Souza. Depoimento. In: *Espaço & Debates*, São Paulo: Neru, ano XVII, n. 21, p. 75-84, 2001. (“Periferia revisitada”).
- \_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAFFESOLI, Michel, *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Anped, n. 5,6,7, 1997. (Juventude e contemporaneidade).
- MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais na sociedade moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- NAKANO, Marilena, *Jovens: vida associativa e subjetividade – um estudo dos jovens do Jardim Oratório*. Dissertação (Mestrado em Educação), USP, 1995.
- OBSERVATÓRIO JOVEM/UFF. Os jovens, a mídia e a educação, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/observatoriojovem/materia>>. Acesso 15 out. 2011.

- 
- ORTEGA, Antonio César. *Territórios deprimidos – desafios para as políticas de desenvolvimento rural*. Campinas, SP: Editora Alínea; Uberlândia, MG: Edufu, 2008.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- PERALVA, Angelina. Démocratie à la marge. In : WIEVIORKA, Michel. (Direc.). *Les Sciences Sociales en mutation*. Auxerre: Editions Sciences Humaines, 2007. p. 571-580.
- RENAHY, Nicolas. Les gars du coin. In: *Enquête sur une jeunesse rurale*. Paris: La Découverte, 2006.
- RIZZINI, Irene *et al.* Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. In: *Alceu*, v. 6, n. 11, p. 41-63, jul./dez. 2005.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SETTON, Maria da Graça J. Juventude, mídias e tic. In: SPOSITO, Marília P. (Coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009b.
- SOUZA, Bruna Mantese. *Os straight edges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2005.
- \_\_\_\_\_. Straight Edges e suas relações na cidade. In: MAGNANI, José G. Cantor; SOUZA, Bruna Mantese. (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. p. 23-42.
- SPOSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In: *Tempo Social – Revista de Sociologia USP*, 5(1-2): 161-178, 1993.
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.
- \_\_\_\_\_. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 95-106, 2010.
- \_\_\_\_\_. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 95-106, 2010.
- STRAPASOLAS, Valmir L. *O mundo rural dos jovens*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- TARRIUS, Alain. *La mondialisation par le bas*. Les nouveaux nomades de l'économie souterraine. Paris: Balland, 2002.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Individualismo e cultura: notas sobre uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M.I.M.; EUGÊNIO, F. (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Prefácio).
- WELLER, Wivian, A invisibilidade feminina nas (sub)culturas juvenis. In: COSTA, Márcia R.; SILVA, Elizabeth Murilho da Silva. *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006. p. 79-110.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

---

**ABSTRACT**

The main purpose of the text is to present a reflection about the importance of the space notion – and the referred “territory” and “place” – to the study and analysis of the youth, the young people and their collective actions and educational practices in different urban environments. The authors underline the fact that within the scientific production of the Social Sciences, the time dimension of the youth experiences has been a priority in comparison with the space dimension. They present a brief discussion about the setups that can be identified when using the notions of “territory” and “place”, and suggest the possibility of making use of those concepts for the study of youth and young people and their collective expressions. At last, they demonstrate fragments of results achieved by three researches in which the authors have studied – directly or indirectly – the youth triad of, territory, educational and cultural practices.

**Keywords:** Youth, territory, educational and cultural practices.

*Recebido em setembro de 2011  
Aprovado em novembro de 2011*